

(re)connecting Architecture – Some notes on Assemble Studio

Ricardo Vieira da Costa¹; Helder Casal Ribeiro²

¹ Student at Faculty of Architecture, University of Porto, Portugal

² Assistant Professor FAUP; Researcher CEAU - FAUP Group Atlas da Casa - Identidade e Transferência

A seguinte apresentação faz parte de um projeto de investigação a ser desenvolvido na FAUP, no âmbito da cadeira da Dissertação, sob a supervisão do professor Helder Casal Ribeiro. O tema em estudo é o trabalho multidisciplinar e colaborativo desenvolvido pelos Assemble Studio, nomeadamente a sua abordagem à reapropriação do domínio público. Usando a sua metodologia de trabalho como ponto de partida, propomo-nos explorar um dos temas emergentes da Arquitetura dos nossos dias: a forma como o Arquiteto pode ser um agente ativo da transformação positiva de um tecido arquitetónico/urbano e, por arrasto, social/económico.

Os Assemble Studio são um coletivo britânico, composto por 16 elementos, cujo campo de atuação se desenvolve entre os mundos da arte, design, arquitetura e urbanismo. A estratégia de comunicação da grande maioria das suas intervenções tem como tema central a forma como as pessoas utilizam e se apropriam do espaço público.

O estúdio começou a ganhar forma em 2009 quando, de uma maneira relativamente informal, um jovem grupo de amigos recém-graduados – alguns ainda estudantes - da Faculdade de Arquitetura de Cambridge se uniu em torno da ideia de transformar uma bomba de gasolina abandonada, localizada numa das ruas mais movimentadas de Londres, num espaço de cinema. O Cineroleum (a junção entre Cinema e Petroleum) não nasce de uma forma tradicional – através de uma encomenda – mas antes através da própria iniciativa do grupo. Fazem-no, principalmente, para se libertarem do sentimento de desilusão em relação à falta da relevância do trabalho que produziam no dia-a-dia, nos ateliers onde estagiavam: desenhar casas-de-banho, resolver a caixa de escadas, dimensionar a altura do corrimão. Citando Anthony Engi-Meacock um dos fundadores do coletivo, *“Vais trabalhar e sentes que não estás a fazer do mundo um lugar melhor.”*

Como os próprios admitem, nunca tiveram como objetivo começar um escritório. Aliás, nenhum dos seus membros é, de um ponto de vista legal, realmente arquiteto. Desenvolveram a ideia inteiramente como um *hobby*. Reuniam-se, conforme a disponibilidade de cada um – nem sempre com a presença de todos os membros – em sessões de trabalho, geralmente depois do horário dos seus empregos “normais”, muitas vezes durante fins-de-semana e férias, em salas pouco arejadas de pubs locais ou até mesmo nos seus próprios quartos. O seu método de trabalho não dependia (e continua a não depender) de uma estrutura hierárquica: o processo de projetar era, na verdade, um processo de discussão. O desenho era feito a várias vozes, a várias mãos, desenhado e pensado criticamente em conjunto, através do diálogo, da colaboração e da interdependência.

A construção da Cineroleum foi inteiramente assumida pelo coletivo, com recurso a materiais maioritariamente, emprestados, reapropriados e doados e a técnicas construtivas artesanais.

Veem nesta atitude, por um lado, uma maneira de controlar os (poucos) recursos económicos que têm ao seu dispor, e, por outro lado, como uma experiência partilhada entre eles e uma equipa de voluntários composta por alguns dos seus familiares, amigos e até antigos professores.

Este carácter improvisado/amador com que a obra foi concebida não deixava antever o sucesso que a intervenção viria a ter: durante 4 semanas do Verão de 2010, a lotação do espaço esteve constantemente esgotada, sendo que todos os bilhetes para clássicos como *Rebel without a cause* foram vendidos pela internet com semanas de antecedência.

Desde então o escritório tem vindo a crescer e vem sendo mantido e desenvolvido pelos mesmos membros que o fundaram, em paralelo com outras atividades profissionais. Apesar de um certo carácter restrito – o Studio não emprega (nem está, pelo menos por enquanto, interessado em empregar) ninguém para além dos seus membros fundadores – o grupo mantém uma série de relações com uma “constelação” de atores exteriores à sua prática – artistas, artesãos, amigos, amigos de amigos, colaboradores de intervenções anteriores, etc – com os quais interagem regularmente, seja de uma maneira mais formal, através da colaboração esporádica em projetos específicos ou de uma maneira mais informal, através das festas que o Studio organiza no pátio da sua sede. O fator mais revelador do seu processo de trabalho será o facto de não abdicarem da sua metodologia: não aceitam comissões privadas, a não ser que estas encaixem em preocupações mais alargadas, que lhes permitam explorar temas que recorrentemente se vêm interessados em desenvolver e aprofundar.

Com a primeira intervenção e, principalmente, com as intervenções seguintes, os Assemble desafiam uma noção de cidade enquanto uma estrutura imaleável, admitindo que qualquer pessoa (profissional ou não) é capaz de moldar e alterar a circunstância urbana que o rodeia. Citando Paloma Strelitz, *“The city can be very dis-empowering; Assemble is interested in addressing the typical disconnection between people and the way buildings and infrastructure are made. Given that the built environment is man-made and malleable, our studio explores creative opportunities for people to shape their surroundings”*.

Deste modo, *assumem-se* como parte integrante de uma contracultura arquitetónica contemporânea, rejeitando uma ideia de “genialidade individual”, muito ligada à que é, nos dias de hoje, uma conceção dominante de Arquitetura: *intocáveis virgens brancas*, resultantes do gesto magnífico dos filhos pródigos da disciplina – os starchitects. Diz Anthony Engi-Meacock: *“There is a strong idea in our society that creativity is for ‘the gifted few’, and everyone else inevitably has to just live with and in the culture that ‘the gifted few’ make. We don’t believe that, and our being here [enquanto finalista do Prémio Turner de 2015] is a hopeful sign that there is a wider shift”*

Espaços intersticiais, devolutos, esquecidos, e subaproveitados são transformados em lugares de alegria e diversão, de encontros e reencontros casuais, de conversas esporádicas, de criatividade coletiva, de experiências partilhadas. Ao deslocar temporariamente narrativas espaciais e programáticas para estes “vazios” urbanos procuram suscitar a possibilidade de soluções mais perenes na realidade construída, *“que potencie[m] novas formas de encarar e fazer progredir o espaço público e as vivências que o animam”*

Neste sentido, o objeto arquitetónico é apenas uma pequena parte do processo e não um fim por si mesmo. O que os Assemble procuram suscitar é, acima de tudo, a capacidade que cada intervenção tem de, ainda que por períodos limitados de tempo, atuar como uma “leitura crítica” de uma realidade política, económica e, por arrasto, social e urbana. Uma leitura que, de certa

forma, põe em causa um entendimento tradicional de Arquitetura e do papel-performance do Arquiteto na sociedade: a disciplina deixa de ser um monólogo autorreferencial, um jogo abstrato de ideias fechado em si mesmo por termos e conceitos próprios, impossíveis de serem compreendidos pelas comunidades sobre as quais vai atuar e torna-se numa ferramenta aberta, onde o diálogo entre as várias entidades e a participação ativa do público funcionam como premissas fundamentais de um processo de desenvolvimento cultural e social de uma realidade construída. Para isso têm de atuar, uma grande parte das vezes, para lá do *status quo* da profissão: *"We are interested in doing good work, and sometimes that means acting as an architect, sometimes as an artist, sometimes as an organiser. We adopt the tools we need to use to address the situations we are acting within most effectively, and act as ourselves."*

A experiência urbana é desenhada e programada com uma comunidade, em prol de um sentimento de identidade que a alimenta, materializando, finalmente, o "direito à cidade", defendido por Henri Lefebvre em 1968 e proclamado nas ruas de Paris durante a revolução de Maio desse mesmo ano. A cidade constrói-se "de baixo para cima", Bottom-up, com a participação de todos. Em síntese, como alerta Giancarlo Dicarolo, a Arquitetura é demasiado importante para, pura e simplesmente, ser deixada apenas ao critério dos Arquitetos.